



Abrindo a coleção Sergio Abunahman , que dará vazão à produção de óperas populares apresentamos BUGRE, Ópera Popular Brasileira, uma das obras já executadas pela Orkestra Livre.

Várias obras foram montadas ao longo da trajetória desta pequena orquestra, desde 1990, iniciando com ROODMAS, (texto de Robson Leitão), em abril de 1991, e ORFEO (texto de pensadores de todos os tempos), em novembro de 1991. Seguiram LIBERTAS (texto de Rita Chagas e Marcia Gonçalves), em agosto de 1992, e, em outubro do mesmo ano, essas escritoras assinavam com Rafael Pimenta Francisco a autoria do texto de AMÉRICA. Já em 1993, foi a vez de BUGRE (texto de Heguiberto Martins e Coelho De Moraes). Em 1994 estreou CANUDOS (texto de Coelho De Moraes).

Vale dizer que todas as músicas para essas óperas foram escritas por Coelho De Moraes, que já está preparando LILITH, A LUA NEGRA.

São os produtos da Companhia de Ópera Popular Brasileira.

Cabe nesse currículo, ainda em 1991, a primeira apresentação no Brasil do ORFEO, de Claudio Monteverdi, num claro exercício de versatilidade por parte da Orkestra Livre.

Os espaços ocupados foram os do Teatro da UFF (Niterói), Teatro MPB-4 (Niterói), Teatro Municipal de Itaboraí, Teatro Nelson Rodrigues (RJ), Teatro Municipal Ângelo Camin (Mococa - SP).

A montagem de 1993 do BUGRE, com direção de Antonio Hildebrando, teve a participação do TEU (Teatro Experimental Universitário), além de contar com a sensibilidade dos atores Marco Lunessi, Haíssa Medeiros, Ivanil Fernandez, Kika Barreto, Flávio Carreira, Vânia Marquet, João Carlos Lopes, Fernando Selix Jr, entre outros.

A iluminação de Luiz Miguel e a assistência de Jorge Lúmen personificaram as récitas do BUGRE.

O texto do BUGRE relata a saga dos índios brasileiros, mas a referência é o declínio da civilização indígena causado pela intromissão do elemento branco.

Desenvolvendo a ação da ópera, deixando de lado o formato usual, optou-se por discursos que também são dirigidos para a plateia muito do oratório passa por aqui fugindo do diálogo convencional, caindo no lirismo-puro-não-comedido, numa preocupação com textos poéticos e música de raiz convivendo com temas originais.

Tupã abre a ópera com seus potentes trovões. O Bugre volta da cidade, retoma o contato com sua gente e os povos da floresta. Encontra um missionário (cultura religiosa), a mulher branca (cultura de convivência entre os diferentes), os elementais da natureza (cultura do imaginário tribal), envoltórios que, juntos ao seu discurso pessoal, levarão, tardiamente, a uma reação contra a destruição daqueles povos da floresta. Canide-iune (o pássaro amarelo), é o elo de ligação entre o índio que deixa a terra tendo perdido seu espaço e o Céu, seu novo habitat.

A percussão é parte de cena da ópera e acompanha o movimento dos atores. Uma pajelança. Um ato de magia. A dança da morte.

Contamos com o UNIVERSO CORAL (Universidade Salgado de Oliveira), batalhando juntos na criação da Ópera Popular e sempre presente nas atividades de cultura da Universidade. Formado por funcionários, professores, alunos e gente da comunidade de São Gonçalo, vem atuando desde 1991 com vasto repertório e ampla atividade no Circuito Universitário e no Movimento Coral do Estado do Rio de Janeiro.

Alguns temas explorados foram colhidos por Darcy Ribeiro e Roquete Pinto. Outros foram cedidos por Roberto Fabri e Paulo Botteon, dedicando-se a ambos esta obra, por justa inspiração.

Nictheroy, fevereiro de 1996

A ORKESTRA LIVRE, o UNIVERSO CORAL e os solistas fazem agradecimento especial ao Plaza Shopping, de Niterói, na pessoa do Dr. Natalino Rabinovitch, que tornou possível, com sua sensibilidade e ousadia, o registro desta obra.

Gravado nos estúdios Mr. MID e AVATAR em sistema digital, 24 canais, entre 23/12/95 e 04/02/96.

Engenheiros de Gravação: Marcos Sabino e Cacá Moraes - Tels: (021) 709-1543 e 712-7251

Capa e Libreto: Ademir Nunes Corrêa

Telefones para contato:

Coeelho de Moraes	19 3665 1916 / coelhodemoraes@terra.com.br
Rita Chagas	(021) 712-1784
UNIVERSO	(021) 701-0505 - Fax: (021) 701-7444
Paulo Lontra	(021) 719-5899

Agradecemos ao Prof. Jorge Vicente que, na época da montagem de BUGRE, participou espontaneamente com seu apoio.

ORKESTRA LIVRE

Flauta transversal - Livia Pinto, Tiago Pinto

Violão - Fernando Morgado

Sax soprano - Marcelo Palermo

Sax alto - Edgard Sollon, Betina Fishkel

Sax tenor - Patrick Daubard

Clarinetas - Gabriel Pinto, Reinaldo Pinto, Edgar Soares

Trompete - Leandro Soares

Teclado - Denise Tenório

Percussão - Moisés Lauriano de Santana

Instrumentos adicionais - Escola Municipal de Música "Euclides Motta" - Mococa - SP

UNIVERSO CORAL

SOPRANOS - Andréa Costa, Francine Tórtora, Márcia Barros, Nívea Barros, Patrícia Marins, Verônica Modesto, Waldicéa Couto. **TENORES** - Fernando Morgado, Marins da Costa, Hilton Araújo, Jorge Simedis, Robson Figueredo. **CONTRALTOS** - Antonia do Carmo, Camille Mota, Edéia Roza, Graça Coimbra, Helena Caule, Karolyne Oliveira, Ludmila Bravo, Rafaelle Corrêa, Rita Chagas, Sueli Borges, Wilkia Oliveira. **BAIXOS** - Aldo César, Fábio Coimbra, Gentil Diniz, Jessé Blanco, José Alexandre, Rogério Simplicio.

Texto: Heguiberito Martins, Coelho De Moraes

Música: Coelho De Moraes

1. 4:43:03 Prelúdio
2. 6:14:18 De Retorno à Minha Tribo
3. 3:20:08 Verdadeiro Mal
4. 3:53:17 Por Que é Tão Difícil
5. 1:39:24 Pleno Sertão
6. 0:54:24 Sobre as Cabeças
7. 1:48:08 Céu e Terra
8. 3:52:05 Canto da Flor do Mato
9. 2:11:12 Canto da Uiara
10. 1:59:18 Dança dos Caaporas
11. 2:37:17 Canto das Cy
12. 2:15:00 Cresce em Meu Peito
13. 1:53:07 A Pastorear as Ovelhas
14. 4:24:03 Atenção!
15. 2:22:12 Pajelança Contra o Branco
16. 3:26:26 O Meu Canto Serve de Consolo
17. 1:18:22 Quando Meu Vôo se Torna Freqüente
18. 2:28:04 Todos Têm a Sua Parcela
19. 1:39:10 Uaiê-Autiã Harenezê
20. 3:37:15 Existem Dores
21. 1:48:07 Minha Dor é Ver
22. 2:22:12 Pajelança a Favor do Índio
23. 2:13:06 O Bugre Deixa o Mundo
24. 4:33:00 O Bugre Ascende às Estrelas

Total: 67:36:20

Música: Coelho De Moraes

Texto Principal: Heguiberito Martins & Coelho De Moraes

Cederam idéias: Fernando Morgado, Tavares d'Amaral, Paracelsus, Arturo Paolo, Mahatma Gandhi, Ampère, Acyr Salgarello, Brecht, John Powell, Eliphas Levi

ATO I - CENA I

BUGRE: De retorno à minha tribo / eu a vejo diferente / Já não basta ter perdido minha própria infância / levado daqui pelos padres / vejo esta tribo embalada por cantigas de outros representantes de Deus.

MISSIONÁRIO: Não mais Tupã / Mas o Todo-Poderoso Deus / Não mais curandeiros e pajés / mas a água da vida cristã / Fim com os deuses pagãos / oremos ao Espírito Único e Santo / Fim com essa linguagem inculta / Aprendamos a falar dos Homens de Bem.

B: A anulação da nossa vida / sempre trocada por outra para o bem-estar alheio / nunca o nosso / Destruição das nossas práticas e costumes por não caberem no rito Caraiba de compra e venda.

M: Cala! Inconseqüente / Vim trazer a Boa Nova / O único caminho / Não impeça que o índio venha por ter a responsabilidade de toda a cristandade / Que assim seja!

CANIDE IUNE: Eh! Canide lune / Canide lune / Heura uoech!

B: A igualdade às portas do seu Templo / (Lua Nova) Catiti trás as trevas / Só as trevas são irmãs.

Cl: Eh! Canide lune / Canide / Heura uoech!

B: Verdadeiro Mal / Verdadeiro Mal está em si / Todo o Mal está em si / Dentro deste Homem / Ela é a sua própria Salvação / É o seu próprio Demônio / Ehê! Tantas conquistas do Homem sobre o chão / que me espanta ver o Homem a se enganar com palavras / e se deixa levar pelas mentiras / pelas mentiras dos que se aproveitam da inocência / e da ignorância / Ehê! / E o que será do Homem que não acompanha sua gente? / Gente da floresta / Gente Pindorama.

CORO: Terras largas / Longas terras / Terras rôtas / retas terras / Terras verdes / versos terra / Terra pura / terra terra / Gotas d'água / chuva fina / Orvalhada serra / Afluentes azulados / Ribeirões de Pindorama / Voz das vertentes / o sal / Luz das estrelas / Sinal / Aves / Bichos / peixes / tribos / a floresta / rio e mar / Horizonte azul anil / Ocas / tabas / campos / prados / a nação da terra-mãe / filhos de uma selva irmã / Terras verdes chão / solo coração.

ATO I - CENA II

MULHER BRANCA: Por que é tão difícil de compreender? É a palavra de Deus... / Não posso dizer que somente o índio está destinado à salvação / Mas... / com certeza eu posso dizer que esta salvação deve ser anunciada a partir dos índios.

B: Cada dia a Natureza dá o suficiente para suprir nossa carência / Se cada um tomasse o que lhe é necessário / não haveria pobre índio / Não haveria a fome do índio.

MB: Minha verdade é a mesma que fala o Deus que nos ama / Ele criou todas as coisas / e espera que nós louvemos.

B: Ao que me parece / vocês todos não contentes com a sua própria felicidade / ainda acham que lhes falta alguma coisa: a felicidade alheia.

MB: Eu juro / eu juro que não quero trazer a tristeza / ou desolação ao seu povo / Mas / não compreendo muitas coisas... / por favor / eu quero uma explicação.

B: Dizem os velhos pajés / que as ervas de veneno também dão flores de agradável perfume / e não percebem que sua raiz está no Mal.

MB: Os jardins do Senhor abrigam todas as flores / e toda erva que buscar proteção / e perdão.

B: O seu Deus percebe o quanto o seu jardim frutificou / cresceu / e expandiu? E sabe você / quantos caminhos existem que levam à mesma fonte?

MB: Os seus deuses não são puros deuses / se confundem com os Homens / e suas imperfeições / Como pode imaginar imperfeição em um Deus?

B: Não são deuses! São / na verdade / nossos pais e avós... / Com que autoridade você fala de perfeição? / As matas / os rios / Sol e Lua / as estrelas / todos os irmãos da floresta... / não procuramos entender o que não tem explicação.

CORO: Pleno sertão / nuvens plácidas fogem do lugar / a seca / a fome / impõem seus impérios vastos a negarem frutos / Tabas e gens / vozes do além / são os ancestrais / nossa alma e luz / Falam do além / afastando o véu / Entoam / encantam / aclaram e mostram qual o caminho a seguir / onde a gente há de viver / sempre a fugir / sempre a se esconder.

Longe do mar / a terra inóspita há de nos guardar / O vento / a brisa / são valores do passado / Para nós o duro chão sem raiz / flor sem a cor / Nós que um dia atrás fomos o Senhor / Pai / e Filho / e irmão / de todo este chão / só resta o resto / o impróprio / aonde o índio há de se acabar / em uma réles terra chá / desaparecer / nunca existir.

Ci: Sobre as cabeças / pelo ar / voando vem / ave / vem / se manifesta com agouro / de Mal ou Bem / como saber? / E há um canto para ouvir / e certamente / entender / mais / cada um com sua própria lei / há de querer impor sua Avó.

BUGRE: "Céus e Terra e os quatro elementos / e tudo mais o que eles contêm são / assim chamados / microcosmos / pois o Homem é o mundo / Saibam que existe um firmamento em seu corpo / Um firmamento bem estrelado / o coração é sempre o Sol / da mesma maneira que o Sol atua sobre a Terra / e sobre si mesmo / o coração também atua sobre o corpo e sobre si / Não o sendo o seu brilho aquele do Sol / é no entanto / o brilho do corpo / pois o corpo deve sentir-se satisfeito em ter o coração como seu Sol."

ATO I - CENA III

FLOR DO MATO E CORO: Onde a sua importância é a lei / Toda a obra do mato é sagrada / Onde a mão Caraíba tocar / fica imposta a vontade do Rei / (Campo Sol / Quente céu / Oh / Nuvem chuva vem). A magia é a tua lei / Jaguar do Mato Azul.

Arte e magia dos povos da mata / É a presença mais clara e constante / A consciência do chefe a brilhar / sob o aroma do chão da floresta / (Vento Sul / Cor do ar / Ah / Tanta brisa vai). Onde as tribos? / Onde o poder? / Vai ao mundo / Sem descansar / Buscar a paz.

Onde as tribos / tuxauas / pajés...? / Toda a luta na mata é difícil / Se o olhar do cacique nublar / mesmo a mata será terra indócil / (Rio de Som / Moro azul / Oh / Passa de um vago deus). Mas a paz não interessa / para o homem branco / Ele quer o fim / dos povos da floresta. / Corre pelo chão / o rubi que sai... / Sai do teu corpo. / Tupã com seu furor / Jacy com sua luz / Guaracy — o fogo eterno / Servirão de guia na terra / para a derradeira obra / deste Bugre.

Bugre tuxaua comanda viril / Firma seu brado de velho jaguar / Corta do início o trabalho do Mal / Grita em guerra o índio-Brasil / (Mar Natal / Noite luz / Ah / Cresce o meu sertão).

UIARA: Uma nova raça de poetas deve nascer para dizer a verdade e produzir a beleza / A História de nossa cultura é algo além do nosso futuro / tanto o que nos determina na origem / quanto o que determinará o nosso fim / escapam à nossa noção de passado / de presente / e futuro.

Bugre / o poder das águas o proclamam líder Tapir / chefe das tribos / Ouro ardente dos grandes guerreiros de Pindorama / A grande terra / O grande céu / A mais ampla liberdade a pleno sertão.

CORO: Ave / ave / Mãe da Noite / Eis o Povo Pau-Brasil / Ave / ave / Pindorama / selva densa / Pindorama / Ouro / Pratas / Pedras / Minas / Ave Lua / Ave Sol.

CY: Enfrentar a dor / A paixão de ser um Capitão das tribos de valor / Ouve um zunir / Flecha pelo ar corta o céu em sangue / Este Onça-Tribo vem! Totem vago vem! A selva vem! / Defender o santuário da floresta invadida.

Bugre chefe / desesperadamente vem / faz com sua força a demolição das caravanas de Possesiros e doentes-enfermos da religião / Braço índio além / Braço índio a fomentar a união das tribos / fomentar a luta / Passa tanto tempo / Lentamente vai corrompida gente Kadwéu / Tupi / Kraô / Tremembé / Potiguar / Em nome da antiga Paz / dar permissão para a reação das tribos / O Tuxaua vem defender a selva / Falta pouco para o fim.

MB: Cresce em meu peito um doce e amargo ardor / A minha alma vibra / meu corpo treme com o calor / e uma ternura me envolve / e ferve meu sangue / e faz a razão se quebrar.

Um simples toque / simples roçar de seu corpo há de aquecer o sonho de amor / de paixão e de dor / pois / há uma distância entre nós / um afastar.

B: A pastorear as ovelhas / esses homens são de destruir índios e dons / as ligações do Ser à Terra / pondo a curvar o espírito verde / tenaz / A pastorear... eis a plantar a semente da fácil escravidão / povo servil e gentil / a prometer a salvação / coisa que já é pertence deste povo índio / que hoje tenta ser além do animal ao olhos / Nada há que se domar / e atrelar / pois há muita gente nesta luta / O coraçã o amanhece e sobre a terra a voz do dia grita seu valor.

Atenção! Que em um passo em falso / uma armadilha jaz / E / no silêncio da mata eis que o caçador / Pretender plantar a solidariedade é participar do sonho de Paz / mas / no entanto / o inimigo é cão mendaz / Quimera / Quisera eu poder dizer: justiça há!

Como o camponês que a trabalhar a terra se desfaz / o índio é proibido de viver nesta terra / empurrado para o extremo do país que já não é mais o seu país / E é contudo / o claro exemplo da destruição / Cuidado! Pois na tocaia / a humanidade não haverá / Olha o caminho! Atenção na curva da floresta... / um dia em também lutei... / e / morn!

B: O meu canto serve de consolo / com razão / Toda a resistência é um ato de amor / Ela traz reação / Ela traz solidão / Ela traz ambição / Ambição ainda é pouco perto do que sempre vem / A lutar pela terra e valorizar... / ao Homem valorizar... Parece acender um curto pavio que se dirige a nós... / nós preocupados com a manutenção de nossas vidas / das nossas famílias / A escravidão tem muitas faces / nunca é tarde para inibir a exploração humana.

ato II

Oh! / Jacy / que eu posso entender a postura deste Bugre / sei das idéias de Paz e de Guerra / Não é muita vez que nós somos fracos / indecisos / apaixonados e perdidos / Sempre ousar em guerra e fora / é do Mito propriedade / mas / nós homens camponeses / quando estamos vivos: queremos assim continuar contra todo tipo de usufruto de nossa alma / Que nós ameacem! Esse é o ato mais covarde! Mais torpe! Infame! É o mais praticado por esses sertões infintos e vazios / O Sol Guaracy / Luz de prata é mortalha / é mortalha pendurada sobre nossa gente / no seu fim.

CI: Quando meu vô se torna freqüente / muita gente adormece para sempre / em meu regaço / sob a proteção dos mais antigos velhos tribais / O Tupã / faz alarde do seu poder / O Tupã alardeia o seu troar / e faz com que o índio seu / morra... com um mínimo de paz.

CORO (em meio a uma dança): Voz do ar / Voa do Mar / Ah! Guajajaras. Voz anil / Voz cetil / Ah! Bacairús.

B: Todos têm a sua parcela de responsabilidade / Apontando em Pindorama o homem encontrou um morador / Se era habitada / então / foi roubada a terra / foi do índio / que não a tinha tal é a propriedade do branco invasor / e do explorador / Mas se construí uma grande máquina de força que esmagou nosso povo original / brasileiros raça pura / adoecidos / enfraquecidos / escravizados.

Os milhões que habitavam o Brasil não encontramos mais / Desaculturados / são os molambos que se encontram por aí / Gente perdida / então / humilhada como intrusa / morrem à míngua / como milhões de outros povos / sem terra / sem direito à vida e prazer.

Não olhar para trás / mas buscar no fundo da alma o resto que ficou / Pode ser que / então / se aprenda a lidar com as gentes espalhadas sobre o planeta / este planeta / que não é de ninguém.

Minha dor é ver o decompor da ordem das tribos / da Natureza / enfim / pelos Homens cegos / Muito tarde a raça notará que é frágil o equilíbrio que perdura sobre a Gala / nosso mundo / É nesta hora que precisamos de todo deus que por amor da Terra se manifeste / para alumiar a cabeça do Homem Branco / do Bandeirante assassino / do Escravocrata / sim / Onde está o deus / se no seu plantão não se encontra / Fica em nossa mão o o destino de uma abandonada gente que foi por seu Tupã.

B: Ualê autiá harenezê / zalokerê ueroretê / Quando um chefe cai / a tribo cai / Jurunas / Ariêmes / Ualê autiá harenezê / zalokerê ueroretê / Se não há mais como reagir / só há um caminho para o herói.

MB: Existem dores que são insuportáveis / e mais... / talvez dolorosa seja a cor da perda da nossa certeza / e o encontro de mais ruínas / nada mais / só ruínas / onde há pouco um mundo floria.

Arde o meu ventre de gozo e dor / E será justo / meu Deus / eu vislumbrar um pedaço do paraíso e ser ao chão lançada? O meu amor não vai partir / não vai...

Mesmo que o meu coração peque por ser tão banal / covarde por permitir que as carnes não sejam uma só / enlaçadas em um ato de amor profundo / passível de misturar nosso sangue / um novo povo podia vir / uma fusão mais completa que lvesse o poder de impedir a destruição das gentes / O meu amor não vai / não vai partir / não vai...

Minha dor é ver o decompor da ordem das tribos / da Natureza / enfim / pelos Homens cegos / Muito tarde a raça notará que é frágil o equilíbrio que perdura sobre a Gala / nosso mundo / É nesta hora que precisamos de todo deus que por amor da Terra se manifeste / para alumiar a cabeça do Homem Branco / do Bandeirante assassino / do Escravocrata / sim / Onde está o deus / se no seu plantão não se encontra / Fica em nossa mão o destino de uma abandonada gente que foi por seu Tupã.

MB: Ah! Meu amor / que tudo me fez ver / É loucura que assim partamos / Ouça o que vêm dizer os seus amigos / ou / o que eu digo / Não se pede essa provação / não se salva a alma com este sacrifício / o mundo não vai mudar assim / Há muito detalhe / muita vida e pensamento / Meu coração / agora / caminha junto ao seu / Na verdade / a nossa união é impossível... / só há amor... / que de nada vale.

B: O Bugre deixa o mundo para as estrelas / O bugre acalenta um novo sonho / Esta é outra era / outro dono / outra razão as comandar os astros.

Há na floresta um rito constante / sagaz / maduro / Se não vive nela / se nela não pode viver / nela morrerá / certamente / tornado em solo / Alma da terra / braço da terra eterna.

E se faz / estão / a noite e as trevas / tombam sobre todos nós / mas / os olhos podem ver até melhor sob certa escuridão / O Bugre está no início / Sei que engana o destino / mas / ainda não é a hora.

B: As mãos que oprimem estão fortes / agora / Eu não invento saídas / Parto para guiar meu povo pelas sombras do mundo / pelas sombras do mundo / Sei que o caminho será longo e doloroso / Ouço ao longe o trovão de Tupã / Ele reclama de mim / mas / eu não lamento o que fiz... / o que não fiz / Se com a minha voz almas não toquei / talvez / com o silêncio... / eu me faça ouvir.

CORO: Ave / ave / Mãe da Noite / eis o povo Pau-Brasil / Ave / ave Pindorama / Selva densa / Pindorama / Ouro / Prata / Pedras / Minas / Ave Lua / Ave Sol.

ATORES: (todos os índios estão mortos!)

B: Eh! / Canide lune / Eh! Canide lune / Heura ueech!

B: & ELEMENTAIS: Eh! Ave amarela / Leva o Bugre daqui / Toda a verdade não cala este tormento.

B & ELEMENTAIS & CORO: Eis que chega a hora / Faça a luz / Faça-se a luz / Vai / ó ave amarela / Faça-se a luz na noite do Homem / Heura ueech! Heura ueech! Heura ueech!